

# ACADEMIA MILITAR



**General Pedro Massano de Amorim (1862- 1929)**

**PATRONO DO CURSO DE ENTRADA  
NA ACADEMIA MILITAR NO ANO LECTIVO 2018/2019**

**2018**

## **Biografia do Patrono**



**General**

**Pedro Francisco Massano de Amorim (1862- 1929)**

Tenente-Coronel de Artilharia Pedro Marquês de Sousa

Professor de História da Academia Militar - 2018

## **GRANDE COMBATENTE E ADMINISTRADOR**

Pedro Massano de Amorim foi um oficial formado na Escola do Exército para a arma de artilharia, com uma carreira muito relevante especialmente dedicada ao nosso antigo império ultramarino, em funções militares e também como Governador em Moçambique e em Angola. Na fase final da sua carreira e nos últimos três anos da sua vida, foi também Governador-Geral da Índia portuguesa, onde faleceu em 1929.

Nasceu no dia 14 de janeiro de 1862, na Vila de Fronteira no distrito de Portalegre, quando em Portugal se vivia num período de estabilidade política e social, na regeneração, que permitiu o desenvolvimento da agricultura e do comércio, ao mesmo tempo que se criavam novas vias de comunicação e meios de transporte como o comboio, que foi muito importante na ligação entre o interior e o litoral. Massano de Amorim ingressou na Escola do Exército onde concluiu o curso de Artilharia em 1883 e, após ter desempenhado diversas funções na metrópole, como tenente e capitão de Artilharia, começou a fase da sua carreira de militar no império ultramarino em que se destacou de forma extraordinária.

Fez parte da célebre expedição de Mouzinho de Albuquerque a Moçambique, tendo sido Governador de Gaza (1896) e Comandante Militar de Tete (1897), onde revelou o seu mérito como militar naquela região central que se encontrava revoltada desde 1890 e que Massano de Amorim conseguiu pacificar com sucesso, dominando as tribos Maganjas. Foi um oficial formado no espírito “africanista” muito marcado pelo estilo de Mouzinho de Albuquerque, que influenciou muitos oficiais naquela época em que Portugal recuperava o prestígio do seu império. Após esta primeira experiência colonial regressou à metrópole, mas a sua paixão pela vida militar colonial levou-o a aceitar um novo desafio de servir em Angola em 1900, tendo estado em Luanda e mais tarde em Santo António do Zaire para explorar a vasta região do Mussorongo, passando mais tarde para o Sul da província, para Benguela. Após ter reconhecido e inspecionado aquelas zonas, elaborou um relatório muito exaustivo propondo diversas medidas para melhorar a administração da região.

Em agosto de 1902, devido à revolta da população do Bailundo, comandou um destacamento militar que saiu de Benguela para a zona revoltada, que ficou conhecido pela “Coluna Militar do Norte”, na Campanha do Bailundo. No planalto de Benguela, com esta força militar, Massano de Amorim conseguiu dominar a insurreição após vários combates com os revoltosos, sendo condecorado por proposta do Governador de Angola.

Após esta missão em Angola foi novamente convidado para servir em Moçambique em 1906, como Governador do distrito de Moçambique. Esta nomeação, feita pelo Governador-Geral da colónia, Azevedo Coutinho, que conhecia o perfil de Massano de Amorim, tinha a finalidade de realizar a pacificação da região e assim Massano de Amorim fez parte da Campanha de Pacificação de Angoche de 1908 a 1912, conseguindo ocupar e pacificar todo o território. O seu espírito de missão e os bons resultados alcançados, valeram-lhe uma nova condecoração pelo seu desempenho nesta colónia, tão importante para Portugal.

René Pélissier o grande estudioso da história militar das antigas colónias portuguesas, designou Massano de Amorim como um “conquistador metódico”<sup>1</sup> pela sua capacidade de combinar a atividade militar operacional, com as exigências da administração territorial civil. Em Moçambique destacou-se como um valente capitão na ocupação de Angoche, uma das mais importantes operações da nossa história militar do final da monarquia. Os ataques bem sucedidos a Farelay e Ibrahimo permitiram afirmar a presença portuguesa sobre o poder suahili e instalar colonos portugueses na região que antes era dominada pela etnia macua. Além do controlo da população Massano de Amorim fez construir quase 500 quilómetros de estradas, em zonas que até então eram insubmissas, usando a mão-de-obra local de nativos anteriormente rebeldes, conseguindo que as terras do Farelay, Selege e Narrica ficassem a pagar o imposto de palhota e que se fizesse o recenseamento das palhotas na região da Capitania-mor.

---

1 René Pélissier, *História de Moçambique. Formação e Oposição*, vol. I, Histórias de Portugal, Editorial Estampa, Lisboa, 1994, p. 291.

Depois da campanha de Mouzinho de Albuquerque (1894-1897) sentia-se a necessidade de controlar os rebeldes do distrito do norte de Moçambique, mas tal nunca se realizou, até à campanha de Massano de Amorim entre 1906 e 1910. Quando o Governador-geral João Coutinho resolveu ocupar o distrito de Moçambique, escolheu o capitão de Artilharia Pedro Massano de Amorim, de cujas qualidades de coragem e inteligência estava bem seguro, e que havia servido às suas ordens na Zambézia como Comandante Militar de Tete, e como Comandante da Artilharia na campanha de 1897, na Zambézia, e de 1898, na Maganja da Costa. Assim, Massano de Amorim foi nomeado Governador do distrito de Moçambique e nesta condição aceitou o desafio de organizar uma campanha militar com as forças existentes na província, (companhias indígenas) com elementos recrutados entre os nativos, mas liderados por oficiais e sargentos da metrópole.



Pedro Massano de Amorim com outros oficiais na campanha da Zambézia  
1898 na Maganja da Costa.

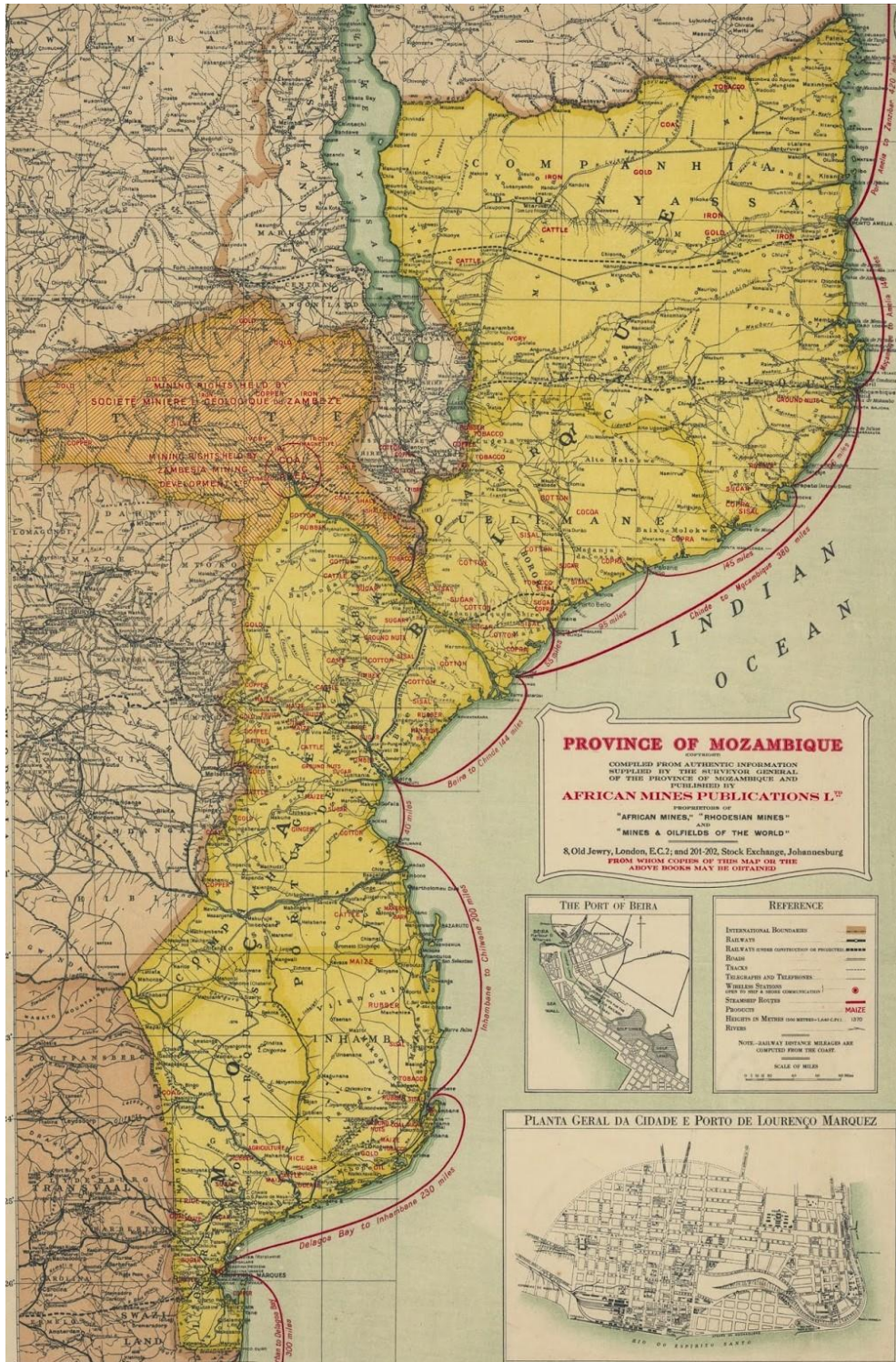
No seu relatório sobre a ocupação de Angoche diz Massano de Amorim: *“Para castigar os crimes e torpezas, rebeldias e dislates do gentio do Larde e M'luli, Mugovola e Imbamella era necessário, era indispensável e urgente, proceder à ocupação de Angoche” sendo necessário infligir um severo castigo aos rebeldes do Larde e M'luli, da Imbamella e Mogovola e aos partidários do Farelay, que demoravam na Selege, M'lay e Muicanha (Capitania-mór de Angoche)”*.

*“Os roubos e depredações frequentes de toda esta gente, os crimes que se traduziam por assassinatos de europeus que se aventuravam pelas terás do Imbamella e do Mugovola, e dos nossos cipais que passavam próximo às povoações do Ibrahim, as guerras Constantes... o arrojo de trazerem aquelas guerras dentro mesmo da vila do Parapato, o desaforo do Farelay a dois quilómetros de António Ennes, lançando um imposto aos comerciantes... as ameaças deprimentes feitas aos capitães-móres e as respostas atrevidas dadas por alguns dos chefes às intimações e ordens dimanadas das autoridades militares, tudo isso exigia uma severa repressão, e um exemplar castigo... A dúvida e desconfiança dos naturais a respeito da nossa autoridade mais se acentuava.*

*«Não bastava, porém, uma manifestação de força, momentânea como já se fizera uma ou outra vez... Era necessário que a acção das nossas tropas no interior, sobretudo nos pontos que se haviam tornado os principais focos de rebelião se manifestasse, não só castigando as faltas e crimes praticados de há muitos anos para cá, mas que se exercesse demorada e persistente, tornando efectiva a ocupação militar como ponto de partida para a instalação de um determinado regime administrativo.»*

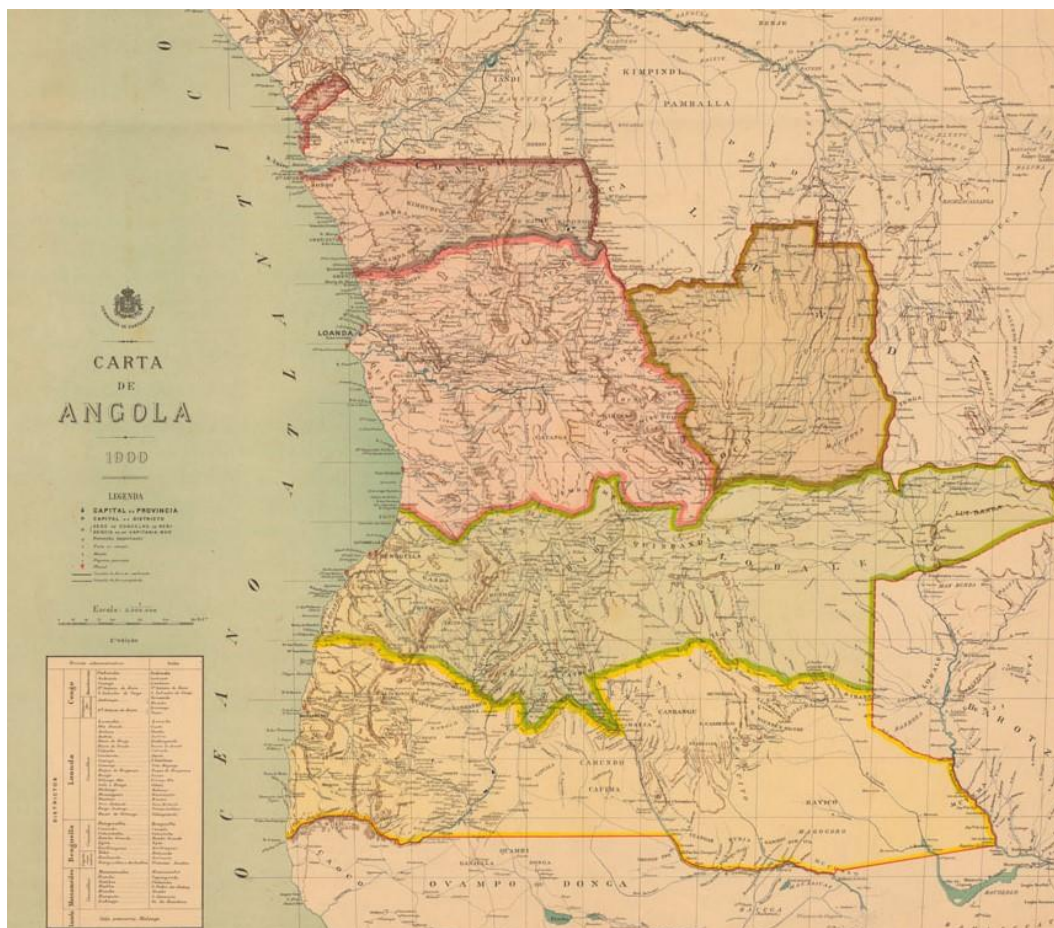
Massano de Amorim, revela que *“a falta de tropas com que sempre lutei, não permitia distrair para o sul os necessários efectivos... e a natureza guerreira dos povos rebeldes exigia que esses efectivos fossem de molde a mantê-los em respeito”*. As forças militares que foram organizadas tinham a missão de controlar os rebeldes mas também de criar os necessários postos militares, depois de dominar os insubmissos e rebeldes, castigando os chefes com todo o rigor, procurar abrir os caminhos do sertão para os portos do sul do distrito.

O capitão Massano de Amorim, conquistou a região de Angoche percorrendo centenas de quilómetros por caminhos nunca antes percorridos pelas tropas portuguesas e instalou 10 postos fortificados. Fez diversos prisioneiros entre os chefes mais temidos como Farelay, Ibrahimo, Guernéa, Muhogo e o Muhova.



Mapa de Moçambique

Mais tarde a sua longa experiência em Moçambique, desde as campanhas de Mouzinho de Albuquerque (1894/1897) até à conquista de Angoche (1910), justificou a sua nomeação para Comandante da 1ª Expedição enviada para aquela colónia no início da grande guerra em 1914, mas depois disso regressou a Lisboa, tendo sido colocado na Direcção-Geral das Colónias, de onde foi novamente enviado para Angola, assumindo as funções de Governador-Geral entre 9 de janeiro de 1916 e 11 de janeiro de 1918. Nesta fase também se destacou na liderança da campanha para o controle da revolta dos ovibundizados de Seles e de Amboim em maio de 1917, a grande revolta das populações da região de Seles e Amboim, na província de Quanza Sul, contra a autoridade portuguesa.



Mapa de Angola

## **NA GRANDE GUERRA (1914 – 1918): O MILITAR DE BOM SENSO PERANTE O GOVERNO DE LISBOA.**

Com o deflagrar da Grande Guerra na Europa no verão de 1914, o nosso Ministro da Guerra, General Pereira D'Eça, escolheu para comandantes das forças a mobilizar para Angola e para Moçambique, dois oficiais com experiência e provas dadas em África. Nomeou para Angola, o Tenente-Coronel Alves Roçadas e para Moçambique o Tenente-Coronel Massano de Amorim.

O ataque alemão ao posto de fronteira português de Maziúá, junto ao rio Rovuma, em agosto de 1914, embora tenha sido um ato isolado, marcou a história da grande guerra em Moçambique, muito antes da beligerância formal entre Portugal e a Alemanha (em 9 março de 1916). Em setembro de 1914 seguiu de Lisboa para Moçambique a 1ª Expedição comandada pelo Tenente-Coronel de Artilharia Massano de Amorim, constituída por 1.500 militares, com a missão de guarnecer a fronteira norte de Moçambique, para fazer face a possíveis ataques alemães e prevenir a revolta dos nativos.

A 1ª Expedição chegou a Lourenço Marques a 16 de outubro de 1914 e dali seguiu noutro navio para Porto Amélia, onde chegou a 1 de novembro, sendo constituída pelas seguintes unidades:

- Batalhão do Regimento de Infantaria n.º 15 (Tomar)
- Esquadrão do Regimento de Cavalaria n.º 10 (Vila Viçosa)
- Bateria do Regimento de Artilharia de Montanha (Portalegre/Évora)
  
- Uma unidade de Engenharia (Lisboa)
- Uma unidade de Saúde (Lisboa)
- Uma unidade de Administração Militar (Lisboa)

O Tenente-Coronel Massano de Amorim irá cumprir as ordens que trazia de Lisboa, vigiando a linha do Rovuma (fronteira norte da colónia de moçambique) mantendo a neutralidade. Estas forças militares da 1ª Expedição foram empenhadas principalmente no reforço de postos na fronteira do Rovuma e perante a ausência de instalações e de guarnições militares minimamente credíveis, esta força destacada para o norte de

moçambique, teve como missão prioritária a ocupação territorial através da criação de postos, na vasta área administrada pela Companhia do Niassa, que tinha apenas um corpo de 300 sipaios. As unidades militares da 1ª Expedição não tiveram experiência de combate com os alemães, mas tiveram alguns combates com os macondes e sofreram muitas baixas por doença durante os trabalhos que realizaram na abertura de itinerários e a estabelecer postos e comunicações telegráficas.

Não tendo cartografia da região, as unidades comandadas por Massano de Amorim realizaram reconhecimentos e apoiaram a construção de estradas, desde o litoral até Montepuez e Metarica na região do lago Niassa, no acesso a Maziúá, Negomano e a Mocimboa do Rovuma. Foi construída a importante estrada de acesso à fronteira norte, passando por Muirite, até Mocimboa do Rovuma e depois foi estabelecida uma rede telegráfica para ligar o quartel general em Porto Amélia, com os principais postos da fronteira ao longo do Rovuma, dos quais dependiam diversos postos de vigilância. Esta ação dirigida por Massano de Amorim revela bem o seu pensamento sobre a defesa do norte de moçambique, e que influenciou os seus sucessores, no estabelecimento de um dispositivo militar ao longo do rio Rovuma, acompanhado da organização de unidades de recrutamento local.

A guerra na África oriental começou mal para os nossos velhos aliados britânicos, quando sofreram elevadas perdas em Tanga em novembro de 1914: Os britânicos tentaram desembarcar uma força militar vinda da Índia, com 8.000 homens (europeus e indianos), apoiados por 2 cruzadores, mas as tropas coloniais alemãs conseguiram causar muitas baixas aos britânicos que perderam 500 espingardas e 16 metralhadoras. Esta derrota dos britânicos deu prestígio ao carismático comandante alemão Von Lettlow Vorbeck e causou um abrandamento na atividade operacional das forças britânicas e suas aliadas, durante um ano. Perante esta derrota dos britânicos e sem dispor de ordens claras por parte de Lisboa, o Tenente-Coronel Massano de Amorim manteve a sua força expedicionária na zona de Porto Amélia, numa prudente atitude neutral, que se ajustou bem à situação política entretanto criada em Lisboa, com o governo do General Pimenta de Castro (janeiro a maio de 1915) que não queria a beligerância

com a Alemanha, ao contrário do governo anterior que procurava por todos os meios envolver Portugal na guerra ao lado da Inglaterra. Além da situação política, o sensato comandante português sabia que as suas tropas não tinham condições sanitárias perante a ameaça das doenças locais e não dispunham de alimentação adequada.



Mapa da fronteira do Rovuma durante a grande guerra (1914-1918)

Quando em Lisboa os governantes guerristas, voltaram ao poder e pressionaram Massano de Amorim a tomar uma atitude mais ofensiva, este soube manter a prudência não expondo as suas tropas ao sabor das ilusões políticas. A 15 de Junho de 1915 o Governador Geral de Moçambique Álvaro de Castro transmitiu ao Tenente-Coronel Massano de Amorim, a ordem vinda de Lisboa para reocupar o território de Quionga, (triângulo de Quionga), a norte de Porto Amélia, mas este considerou que não deveria cumprir aquela ordem, para não sacrificar os seus homens já bastante desgastados, com mais de 20% de baixas por doença, e considerou impossível executar qualquer movimento ofensivo sobre o "triângulo de Quionga" e muito menos a invasão da colónia alemã, como pretendiam os governantes em Lisboa, desejosos de envolver Portugal na guerra contra a Alemanha.

Massano de Amorim revelou a categoria de um grande líder militar perante a insensatez dos políticos e manteve sim, uma grande preocupação de se

defender de uma sublevação nativa contra as suas tropas. Apesar da sua atitude defensiva, os seus militares e os nativos abriram itinerários e uma importante via de 300 km, entre Porto Amélia e Mocímboa do Rovuma acompanhada por uma linha de telégrafo, que foi muito importante para as expedições seguintes.

## **GOVERNADOR EM ANGOLA E EM MOÇAMBIQUE**

Depois desta primeira fase da guerra passada em Moçambique, Massano de Amorim foi enviado para Angola onde esteve como Governador entre abril de 1916 e 11 de janeiro de 1918. Neste cargo revelou mais uma vez extraordinárias qualidades de liderança, combinando muito bem o perfil de Chefe Militar com o de Governador, quando em maio de 1917, as populações da região de Seles e Angoche se revoltaram alastrando a revolta a outras zonas de Angola. As forças militares em Angola eram muito reduzidas, mas Massano de Amorim resolveu ir para o terreno e, com o reforço de forças do Bailundo, conseguiu conter a revolta.

Em Lisboa, o novo poder de Sidónio Pais resolveu afastar o Governador de Moçambique Álvaro de Castro, muito ligado a Afonso Costa e ao partido democrático, e nomeou como novo Governador, o Tenente-Coronel Pedro Massano de Amorim, que tinha sido o comandante da 1ª Expedição a Moçambique.

Massano de Amorim voltava assim a Moçambique na fase mais crítica da Grande Guerra, quando a colónia tinha sido invadida pelos alemães.

Depois dos sucessos britânicos e dos belgas em território alemão em outubro de 1917, os alemães começaram a retirar para sul em direção à fronteira portuguesa no Rovuma. O comando português estabeleceu um plano de defesa do Rovuma, criando novos destacamentos em Matchemba (900 infantas, 6 metralhadoras e 2 peças de artilharia) e em Negomano (800 infantas, e 4 metralhadoras), e uma força de reserva em Chomba ( 1700 infantas, 16 metralhadoras e duas baterias de artilharia) para responder a um eventual ataque alemão e tinha organizado também o destacamento de Nanguar (1000 infantas e 6 metralhadoras) cuja missão era estabelecer

uma 2ª linha de defesa no sector mais fácil para o inimigo chegar ao Niassa no caso de entrar em Negomano.

A entrada dos alemães no nosso território aconteceu após o ataque ao posto de Negomano, na confluência entre o rio Rovuma e o Lugenda, no dia 25 de novembro, após um combate em que sofremos 228 mortos, 70 feridos e 550 prisioneiros (combate de Negomano). A 2 de dezembro os alemães tomaram também o nosso posto de Nanguar onde estavam os recursos que deveriam defender toda a linha defensiva a oeste do rio Lugenda e dali seguiram para a Serra Mecula, onde uma força comandada pelo Capitão Francisco Curado ainda resistiu durante cerca de uma semana, antes de retirar perante o superior potencial alemão. Todo o esforço militar que tinha sido realizado desde 1914 foi anulado, mas a perda destas posições no norte de Moçambique foi mais uma gota de água que contribuiu para abrir caminho para a revolução de Sidónio Pais em Lisboa, no início de dezembro de 1917.

Entre novembro de 1917 e setembro de 1918 os alemães tiveram forças militares dentro do nosso território e realizaram operações até à região de Quelimane, a cerca de 1000 (mil) km a sul da fronteira. Apesar do reforço de tropas britânicas em dezembro de 1917 e em abril de 1918, os alemães permaneceram em Moçambique até final de setembro. Durante esta ofensiva 1917/1918 as tropas de Lettow usaram inovações táticas com forças ligeiras de nativos (askáris).

Entretanto os alemães progrediram durante o mês de dezembro pelo Niassa, divididos em três destacamentos:

- O destacamento do General Wahle após afastar a nossa tropa de Serra Mecula ( 8 de dezembro) seguiu para sudoeste acompanhando o curso do rio Chiulezi (afluente do rio Lugenda);
- O destacamento do capitão Franz Khol, depois de Negomano integrou a coluna principal de Lettow até Nanguar, mas dali seguiu para sueste até à região de Medo, levando 5 companhias. Esta força teve dois combates com os portugueses em Muíte junto ao rio Lúrio;

- O destacamento principal comandado por Von Lettow, progrediu para sul por Metarica.

No início do ano de 1918 começam a chegar a Porto Amélia as tropas britânicas com as quais o comando britânico planeava realizar operações de perseguição aos alemães após a estação das chuvas. Com a colaboração dos britânicos, os planos aliados previam deter a progressão dos alemães na região de Quelimane, mas os conflitos entre os comandos militares, português e britânico, sobre o comando das forças conjuntas, atrasou e prejudicou a eficácia militar. As forças britânicas que desembarcaram em Porto Amélia no início de 1918, não ficaram subordinadas ao comando português, apesar de operarem em território nacional. Após algumas diligências diplomáticas em janeiro de 1918 ficou definido que em operações, as forças aliadas (portuguesas e britânicas) ficavam sob o comando do oficial mais graduado em cada caso e assim foi criado um comando misto ficando o General Deventer a comandar as forças aliadas. Em abril as forças britânicas presentes em Moçambique foram reforçadas com mais unidades vindas da Rodésia e os portugueses recuavam tendo em vista concentrar forças mais a sul para deter o inimigo, pois durante o 1º semestre de 1918 os alemães avançaram muito para sul.

A força de Lettow continua a progredir para sul e em junho começa a passar o rio Lúrio, atacando o nosso posto de Malema e depois a localidade de Alto Molocué, surpreendendo o comando britânico que não tinha previsto essa possibilidade.

As autoridades também estavam cada vez mais assustadas, pois os alemães tinham reunido mais recursos logísticos capturados nos nossos postos e estavam já na região da Zambézia, a cerca de 300 km da importante vila de Quelimane. A guarnição de Quelimane foi reforçada com um batalhão britânico e 3 companhias indígenas portuguesas e para defender este importante centro e foi guarnecida a aldeia de Nhamacurra a 50 km a noroeste de Quelimane, onde existia caminho-de-ferro e onde estavam importantes depósitos de abastecimentos.

Foram enviadas unidades britânicas e portuguesas para Nhamacurra, onde teve lugar um dos combates mais importantes da grande guerra em

Moçambique entre 1 e 3 de julho. As forças aliadas não esperavam o ataque alemão tão cedo e enquanto preparavam a posição defensiva, os alemães aproximaram-se sem serem detetados pelos aliados. A posição de Nhamacurra foi tomada pelos alemães mas, ao contrário do que receavam os aliados, os alemães não chegaram a atacar Quelimane.

## **O FINAL DE UMA CARREIRA DEDICADA AO IMPÉRIO**

A formação de Massano de Amorim como oficial de artilharia no final do século XIX, deu-lhe também o carácter metódico e científico que deixou patente em diversos estudos científicos realizados nas colónias, onde foi um militar operacional, mas também estudioso e um exemplar administrador. Pedro Francisco Massano de Amorim foi autor de diversos trabalhos científicos sobre a cartografia no ultramar especialmente de Moçambique e deixou vários textos publicados dedicados às colónias, dos quais se destacam:

- *Relatório do Governador, 1906-1907*. Distrito de Moçambique, Lourenço Marques, Imprensa Nacional, 1908.

- *A Ocupação do districto de Moçambique*, Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, nº 5, 29ª s., Lisboa, Typ. Universal, 1911.

- *Relatório sobre a Ocupação de Angoche: operações de campanha e mais serviços realizados : ano de 1910*, Lourenço Marques, Imprensa Nacional, 1911.

- *Notícia histórica sobre a região de Angoche*, 1910.

- *“Projecto das bases para a organização dos serviços e trabalhos agrícolas e para o desenvolvimento e fomento da agricultura da província de Moçambique”*, Boletim da Agência Geral das Colónias, Nº 2 e nº 3, 1925.

Após a sua missão em Moçambique durante a guerra, o Coronel Massano de Amorim regressou a Lisboa e foi nomeado Diretor dos serviços militares do Ministério das Colónias, embora não tenha permanecido muito tempo nestas funções por as considerar muito burocráticas. A sua paixão por Moçambique leva-o novamente para os territórios de Manica e Sofala, que eram administrados pela Companhia de Moçambique. Exerceu ali o cargo

civil de administrador durante pouco tempo, pois as suas qualidades de liderança e o seu prestígio na colónia, justificaram novamente a sua nomeação para Governador-geral da colónia de Moçambique, em 16 de junho de 1923. Foi promovido a General em 1924 e em 1926 foi convidado para o Governo-geral da Índia, onde serviu com o mesmo espírito muito dedicado, até falecer por doença oncológica em Nova Goa, a 2 de junho de 1929. O seu corpo foi depois trasladado de Goa para Lisboa tendo sido sepultado no cemitério do Alto de S. João em 28 de janeiro de 1930, no talhão dos combatentes.



O General Pedro Massano de Amorim em grande uniforme

Em fevereiro de 1930 a revista militar publicou um artigo biográfico sobre Pedro Massano de Amorim<sup>2</sup>, no qual se destacam as suas virtudes e o seu carácter intrépido, leal e de uma rude franqueza, que não ofendia mas antes captava simpatias, sempre com grande coragem e energia, capacidade de decisão e tenacidade.

---

2 Revista Militar, "Crónica Colonial", Lisboa, Janeiro-Fevereiro, nº1-2, Ano LXXXII, 1930, p. 88.

Ao longo da sua vida militar e como governador colonial, o seu trabalho foi reconhecido diversas vezes, através das seguintes condecorações:

- Cavaleiro, Comendador e Grande-Oficial, com Palma, da Ordem Militar da Torre e Espada (1921)
- Medalha de Valor Militar, Ouro (1912)
- Oficial e Grã-Cruz da Ordem Militar de Avis (1919)
- Oficial da Ordem da Sant'iago da Espada
- Grã-Cruz da Ordem do Império Colonial, tit. póstumo (1932)
- Medalha da Rainha D. Amélia - «Bailundo», «Zambézia» e «Angoche»
- Medalha Comemorativa de Campanhas - «Cuanza-Sul 1917-1918»
- Medalha da Vitória
- Comendador da Ordem do Império Britânico



Em 1941 o Marquês de Lavradio publicou um livro<sup>3</sup> em homenagem a Pedro Massano de Amorim, traçando o percurso deste oficial do exército ao longo da sua carreira ao serviço de Portugal, em especial nas colónias portuguesas, desde Moçambique em 1896 até à Índia em 1929.

---

<sup>3</sup> José do Espírito Santo de Almeida Correia Sá (Marquês de Lavradio), *Pedro Francisco Massano de Amorim*, Colecção Pelo Império n.º 73, Agência Geral das Colónias, 1941.

O seu prestígio perdurou ao longo de gerações que reconheciam o seu valor e em 1960 a Sociedade de Geografia de Lisboa propôs o seu nome para ficar registado na toponímia de Lisboa, tendo sido dado muito justamente o seu nome, a uma rua na Freguesia da Ajuda em Lisboa.



Talhão dos Combatentes no cemitério do Alto de S. João (Lisboa) onde estão os restos mortais do Gen. Pedro Massano de Amorim

## Bibliografia

**AA.VV.** – *Portugal na Grande Guerra 1914-1918*, (Cord.) Aniceto Afonso et Carlos de Matos Gomes, Lisboa, Diário de Notícias, s./d.

**ABECASSIS**, Fernando et al. *A Grande Guerra em Moçambique*, Soc. Geografia de Lisboa, 2014.

**AFONSO**, Aniceto, “Grande Guerra – A Campanha Portuguesa em África”, *Actas do Colóquio Internacional A Grande Guerra – Um Século Depois*, Academia Militar, Lisboa, 2015.

**COUTINHO**, João de Azevedo, *As duas conquistas de Angoche*, Col. Pelo Império, Lisboa, 1935.

**OLIVEIRA**, General A.N. Ramires, (Coord) - *História do Exército Português 1910-1945*, Volumes III e IV, Lisboa: Direcção dos Serviços de História Militar, 1995.

**PÉLISSIER**, René, *História de Moçambique. Formação e Oposição*, vol. I, Histórias de Portugal, Editorial Estampa, Lisboa, 1994

**SÁ**, José do Espírito Santo de Almeida Correia (Marquês de Lavradio), *Pedro Francisco Massano de Amorim*, Colecção Pelo Império n.º 73, Agência Geral das Colónias, 1941.

**SOUSA**, Pedro Marquês de, *A Nossa Artilharia na Grande Guerra (1914-1918)*, Caleidoscópio, Lisboa, 2017.

**SOUSA**, Pedro Marquês de, **TELO**, António, *O CEP: Os Militares Sacrificados Pela Má Política*, Fronteira do Caos, 2016.

**TELO**, António José - Primeira República I – *Do Sonho à Realidade*, Lisboa, Editorial Presença, 2010.

**TELO**, António José – “Para um Entendimento da Beligerância Portuguesa”, in *Portugal 1914-1916 Da Paz à Guerra*, Lisboa, CPHM, 2014.

### Revistas

Revista Militar, “Crónica Colonial”, Lisboa, Janeiro-Fevereiro, nº1-2, Ano LXXXII, 1930

*Ilustração Portuguesa* de 1910 a 1918

Revistas de Artilharia de 1918, 1924 e 1940